

Sustentabilidade e desenvolvimento - Velhos dilemas e novos desafios

A mesa "Sustentabilidade e desenvolvimento" tinha como debatedores Eli da Veiga (Coordenador do Núcleo de Economia Socioambiental - NESA- da USP), Luiz Eduardo Soares (Coordenador do Curso de Especialização em Segurança Pública da Universidade Estácio de Sá e ex-secretário nacional de Segurança Pública), Marijane Lisboa (Professora do Curso de Relações Internacionais da PUC-SP e uma das fundadoras do Greenpeace no Brasil) e Jean Pierre Leroy (assessor da área de Meio Ambiente da Fase). A pergunta inicial que foi colocada a eles era sobre o conceito de sustentabilidade e se o seu uso ainda cabia na sociedade atual, num momento em que tudo parece ter um "selo verde".

Após essa primeira discussão, outras foram surgindo, como o tema das chuvas de abril no Rio de Janeiro _que provocaram muitas vítimas fatais e um caos na cidade_ e com contribuições do público.

Leia aqui os principais trechos do debate:

Eli da Veiga:

Existem três visões políticas atuais: a econômica, a de bem estar social e a de sustentabilidade. Só que quando se diz que é preciso usar o produto do crescimento como instrumento de combate à pobreza, isso vai contra a ideia de preservação e a visão política chamada de "sustentável" vai por água abaixo.

Luiz Eduardo Soares:

A questão sobre segurança pública normalmente fica de fora de discussões sobre sustentabilidade. O que é segurança pública na história do Brasil, senão racismo, violência, desrespeito aos direitos humanos, etc?

Chuva no Rio de Janeiro

Luiz Eduardo Soares:

É muito estranho ver que o cinismo não tem limites. E nesse momento aparecem protestos conservadores aproveitando a oportunidade para propor uma urbanização higiênica, a remoção, além de culpar os governantes anteriores e também aquela própria população que fez "escolhas erradas na habitação", em vez de se rediscutir a questão de um modelo de desenvolvimento e urbanização esgotado e falho.

Marijane Lisboa:

Continua-se o modelo de urbanização no sentido de incentivar a mudança para as periferias, através de programas como "Minha casa, minha vida", que tem essa visão de remoção e "limpeza" das áreas nobres das cidades, sem que se questione as origens da pobreza e dos modelos atuais.

Crise e novo modelo de desenvolvimento

Barbara Unmüssig (Diretora geral da Fundação Heinrich Böll):

Todas as crises se acirraram nos últimos anos (climática, de alimentos, financeira...) e mesmo assim nada disso foi capaz de fazer com que se exerça um maior controle sobre a política. Nenhum governo do mundo, seja do Norte ou do Sul, realmente abraçou essa

questão. Alguns deles, como Brasil, Índia e China estão questionando a ditadura do Norte, se fazem valer nas negociações. Mesmo assim, não conseguimos mudar o paradigma do direcionamento das políticas econômicas a partir de mudanças das políticas predatórias.

Todos estão atrás do crescimento econômico que, na melhor das hipóteses, vai redistribuir a riqueza, mas não se fala de eliminação da pobreza sem que se fale em crescimento. Como nos livrar dessa armadilha, de falar de mudanças, sem falar especificamente de crescimento e, sim, falando de um novo modelo?

Marijane Lisboa:

Os países nórdicos poderiam manter seu padrão de consumo, desde que não explorassem recursos como energia e matéria-prima de países do terceiro mundo, pois não dá para dizer que são sustentáveis e limpos se eles estão explorando outros países.

Guilherme Carvalho (Fase-PA):

A esquerda no Brasil acabou com a utopia de um novo modelo, pois, mesmo para a esquerda, o objetivo é o desenvolvimento baseado no crescimento econômico. Sendo assim, retira-se qualquer possibilidade de um novo projeto, de um novo modelo, de que é possível criar um novo paradigma.

Outro desafio é a crença de que através da ciência e da tecnologia todos os “problemas” e “entraves” para o desenvolvimento podem ser superados, como por exemplo estudos como o EIA-RIMA e outros que, no final, acabam por “superar” os tais entraves e justificar grandes projetos como Belo Monte e Madeira.

Luiz Eduardo Soares:

É impossível avançar no Rio de Janeiro hoje sem que se mude a perspectiva política dos direitos humanos e democracia.

Marijane Lisboa:

Nós levamos anos para fazer com que o mundo entendesse as mudanças climáticas, mas agora parece que se desentendeu o resto: Para diminuir as emissões de carbono, pode-se destruir a biodiversidade, pode-se construir usinas nucleares, grandes barragens e provocar inundações, prejudicar povos tradicionais, etc.

Só com democracia poderemos determinar de que maneira aplicar o conceito da sustentabilidade.